

**BÜZZ**

© 2019 Buzz Editora  
Publisher ANDERSON CAVALCANTE  
Editora SIMONE PAULINO  
Projeto gráfico ESTÚDIO GRIFO  
Assistentes de design LAIS IKOMA, NATHALIA NAVARRO  
Revisão LUISA TIEPPO, JULIANA BITELLI

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
de acordo com o ISBD

---

Jacob, Matheus  
*Coragem de existir* / Matheus Jacob  
São Paulo: Buzz Editora, 2019.  
104 pp.

ISBN 978-85-93156-91-5

1. Filosofia 2. Vida 3. Desenvolvimento humano I. Título

CDU-1

CDD-100

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

2. Filosofia 1

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva CRB-8/9410

Todos os direitos reservados à:

Buzz Editora Ltda.

Av. Paulista, 726 – mezanino

CEP: 01310-100 São Paulo, SP

[55 11] 4171 2317

[55 11] 4171 2318

contato@buzzeditora.com.br

www.buzzeditora.com.br

CORAGEM

DE

Matheus Jacob

EXISTIR







Este pequeno livro não é um manual. Não é uma coletânea de conhecimentos prontos ou técnicas para o dia a dia. Este livro é, na verdade, uma busca: a busca pela *vida digna*. Em outras palavras, este livro é o próprio *amor à sabedoria* – conhecido também como filosofia. O verdadeiro valor destas páginas está no caminhar. Na capacidade de cada um de nós de transformá-las em um agir. Afinal, de que valem as palavras aqui impressas senão para o *bem viver*? Para encontrar a *vida digna de ser vivida*? Se com o *Homem que sente*, meu livro inaugural, me despedi das turbulentas águas da juventude, espero, nas próximas páginas, tocar o vasto oceano da maturidade. Sejam bem-vindos.





Medo de viver

11

A vida

23

A liberdade

33

O outro

47

O eu

59

O tempo

67

O amor

81

A existência

89

Coragem de existir

99



## MEDO DE VIVER

Para alguns filósofos, a única questão verdadeiramente filosófica é a morte. Todos os nossos demais questionamentos e indagações seriam decorrentes e consequências dela. Para os mais ousados, não somente os nossos medos, mas também os nossos amores, as nossas paixões, as alegrias e tristezas de cada um de nós nasceriam com a consciência da finitude. Com a consciência de nosso esgotamento diante da passagem do tempo. Cada uma de nossas ações refletiria, mesmo que de forma inconsciente, um único impulso. Um único questionamento, capaz de causar e determinar todas as nossas decisões e anseios: *se a vida vale ser vivida ou não*, como nos questionou Albert Camus.

Há, nesses pensadores, uma considerável verdade. Quantas vezes não refletimos sobre a morte? Ela está entre os maiores mistérios da humanidade. Percorre, direta ou indiretamente, os templos e crenças das mais diversas religiões, até os mais animados cafés e debates filosóficos por todo o mundo. Para alguns, a morte não é apenas uma questão filosófica, mas a própria definição de filosofia. *Filosofar*

*é aprender a morrer.* São essas as palavras de Platão, de Cícero e de Montaigne.

A morte é, sem dúvida, um aspecto importante para a *vida digna*. Mas será ela, realmente, a grande condutora de todas as nossas decisões? De todos os nossos questionamentos, paixões e anseios? Para alguns, sim. *Até mesmo a forma de vida mais primitiva luta todos os dias contra o seu fim ou o de sua espécie*, poderiam dizer. *É um instinto de sobrevivência presente em todos os seres vivos e indivíduos, fundamental para o surgimento da consciência.* Esse é, por um lado, um argumento valioso. Porém, o quanto ele é capaz de expressar e representar a nossa totalidade como indivíduos? Para mim, não por completo. O homem não é apenas refém de seus instintos. Há, em nós, uma parte única. Uma parte capaz de nos tornar diferentes dos demais seres, pelo menos até onde conhecemos e compreendemos o universo. Não somos melhores ou piores – não é essa a questão. Mas não podemos negar: *somos diferentes.*

Nós possuímos, além de nossos instintos, outras tantas faculdades. Temos a razão. A sensibilidade. O juízo. Nós possuímos a consciência de nossos afetos, de nossas escolhas, de nossa existência. Temos a arte. O amor. As ciências. Infelizmente, temos também o ódio. As guerras. Tantas formas de violência. São características humanas que estão muito além da sim-

ples sobrevivência. Um artista *sobreviveria* sem a sua arte, ainda que a sua vida se tornasse bastante vazia. Povos inteiros não apenas *sobreviveriam* sem guerrear, mas viveriam de forma muito mais plena – e por muito mais tempo. Algo nos leva além da simples sobrevivência ou instinto: nós somos únicos. Únicos pela forma e pela natureza do nosso *ser*.

Até mesmo os nossos questionamentos são únicos a nós mesmos. Humanos, demasiadamente humanos. As demais formas de vida deste planeta não parecem se angustiar com as nossas questões metafísicas, com os nossos questionamentos além do mundo aparente. *Por que existe algo ao invés do nada? Quais são as origens da nossa existência e qual é o seu sentido? Somos livres de verdade ou apenas reféns de uma ilusão de livre arbítrio?* A consciência da morte é, com certeza, uma dessas vastas reflexões. Porém, não é a única. Assim, não deveríamos colocar a compreensão da morte como o objetivo último das nossas decisões ou da própria busca pela sabedoria. Mais ainda, *quantas vezes nós pensamos de forma tão explícita sobre o morrer?* Ou a morte não nos toca apenas quando bastante próxima? Através das tragédias, da perda dos entes queridos ou de um inesperado adoecimento?

Nós não precisamos abandonar os questionamentos sobre a morte ou diminuir a sua importância.

Não é esse o ponto. Nós precisamos compreender o quanto a incerteza sobre a morte não é suficiente para justificar as nossas ações. Os nossos receios. Se tivéssemos o pleno entendimento sobre o que significa morrer, será que nos livrariamos de todos os nossos conflitos e demônios, internos e externos? Será que teríamos por fim conquistado toda a sabedoria, a plenitude e a leveza necessárias para o *bem viver*? Parece que não.

Se a morte representar apenas o *nada*, apenas o vazio e o pleno esgotamento, ainda nos restariam todas as dúvidas desta *vida*. A nossa existência atual – e, nesse cenário, a única existência – não perderia cada uma de suas possibilidades, angústias e prazeres, os seus encontros e desencontros. O *saber morrer* não nos libertaria da responsabilidade de nossas escolhas. Do inesperado. Dos acidentes. Por outro lado, se a morte representar apenas uma passagem para a eternidade, ou para outras vidas, também não escaparíamos dessa mesma condição. Dos mesmos questionamentos. Como viver? Como agir neste mundo diante da possibilidade da eternidade e de suas conseqüências? O *saber não morrer* também não nos bastaria para *saber viver*.

Só há vida, como conhecemos, porque existe a morte. Ou talvez só exista a morte pelo exato fato de haver a vida. O nascer e florescer de cada indiví-

duo. Desse ponto de vista, a vida torna-se mais relevante sobre a morte do que a morte é sobre a vida. Heidegger, filósofo alemão, uma vez escreveu: *ninguém pode morrer por mim*. Eu levo além: *ninguém pode viver por mim também*. Aprender a morrer é tudo o que temos para aprender? Longe disso. Nós podemos ir além. Nós podemos transformar essa busca em algo muito mais amplo e profundo, em algo até mesmo mais encantador. É esta a busca pela *vida digna de ser vivida*. Pelo *bem viver*. Assim nós aprendemos a existir. *Assim nós aprendemos a viver*.

O medo da morte é algo inegável. Ao encararmos um abismo, um desastre natural ou uma guerra, sentiremos medo. Deveríamos sentir. É o *medo de morrer*. Alguns de nós, infelizmente, vivem em situações de extrema violência e são constantes reféns desse temor. São aqueles que vivem em condições nas quais muitos de nós não são sequer capazes de imaginar. Há, nessas circunstâncias, um verdadeiro e constante medo da morte, por causas reais e explícitas. Não são demônios imaginários, são demônios existentes. Nós não devemos nunca fechar os olhos para essas atrocidades. Nós devemos sempre agir diante das opressões e injustiças. Ainda assim, a existência desses extremos, em que há o real medo de morrer, não anula ou ameniza o impacto de uma outra angústia existente em nós. Uma angústia ca-

paz de atingir a todos, independente das nossas circunstâncias ou condições. Este livro é sobre este medo. O *medo de viver*.

Afinal, quantos de nós não temem o próprio viver? Quantas vezes os nossos próprios receios sobre a *vida* não são capazes de nos paralisar? Nós trazemos e cultivamos dentro de nós infinitos temores sobre o viver. O medo de escolher. O medo de amar. O medo de falhar diante dos olhos alheios e de sermos imperfeitos até para nós mesmos. Quantas vezes nós não nos perdemos, atormentados por esses pensamentos, e transformando-os em verdadeiras resistências e prisões da nossa existência? Spinoza, filósofo holandês, compreendeu bem essa questão: *A coisa que o homem livre menos pensa é na morte – a sua sabedoria é uma meditação sobre a vida*. Grande parte de seus medos também.

Há algo comum entre todos nós. Uma resistência capaz de nos impedir de agir e de nos fazer duvidar todos os dias de nós mesmos. É esse o nosso *medo de viver*. Um traço comum a todos nós e o ponto de partida deste livro. Para alguns, esse sentimento pode ser algo já evidente. Algo reconhecido e identificado ao longo do nosso cotidiano, mesmo se ainda não formos capazes de superá-lo. Nós o reconhecemos no espelho. Nós sentimos a paralisia que ele nos provoca e as suas consequências. Talvez



as circunstâncias de cada indivíduo já o torne mais ou menos resiliente a esses receios. Porém, nós já o conhecemos. Para outros, talvez o *medo de viver* seja um sentimento tão enraizado em suas consciências que quase não o percebem. Transformam esse medo em uma condição presente e passam a considerá-lo o nosso estado *natural*, como se não pudéssemos viver de outra forma. Como se não pudéssemos ser outra coisa senão esse constante sentimento, esse constante estado de medo.

Nós somos muitos. Cada um de nós traz dentro de si uma condição única. Porém, até mesmo as condições mais extremas de existência, nas quais há o *medo de morrer*, não anulam por completo o nosso *medo de viver*. A vida traz na sua própria constituição as mais diversas razões para nossos receios. Nós tememos a liberdade e suas consequências. Nós tememos o inesperado, a imensidão do universo e do tempo e, muitas vezes, nós tememos até a nós mesmos. Não por acaso a morte pode tantas vezes nos parecer serena. Em comparação com a vida, ela representa a ausência de qualquer conflito. *Enfim descansou*, dizemos. *Está finalmente em paz*.

Pelo *medo de viver*, nós morremos aos poucos. Pelo *medo de viver*, nós desperdiçamos o nosso mais valioso presente: *a chance de existir*. Como? Das formas mais variadas possíveis. Nós desistimos do

viver de maneiras que muitas vezes sequer percebemos. Infelizmente, algumas formas são mais violentas e explícitas, como o gesto de tirar a própria vida ou aniquilar-se por completo em vícios autodestrutivos. Não podemos deixar de tratar dessas questões, ainda mais diante das angústias existentes em nossos tempos. O mundo pode, muitas vezes, nos parecer cruel demais ou desprovido de qualquer sentido para permanecermos nele. Não podemos fechar os olhos para essa realidade. E devemos sempre nos lembrar: quando uma vida se apaga sem realizar toda a potência do seu *ser*, todos nós perdemos. A humanidade perde. Por essa exata razão, este livro é *um convite à vida*: um caminho para despertar a vontade de viver existente em cada um de nós.

Porém, somos também capazes de desistir da vida das formas mais sutis – tão sutis que sequer percebemos o quanto estão presentes ao nosso redor. É o simples *inexistir*. Uma “existência” marcada apenas pelo medo. São vidas inteiras “preenchidas” somente por ausências, por automatismos e pelo estranho gesto de negarmos a própria existência. É um não viver. São *vidas não vividas*. Quantos de nós não desistem do seu *existir*, do seu verdadeiro querer, sufocados entre tantos receios e sofrimentos, entre tantas angústias e ressentimentos? Quantos de nós “vivem” sem nunca conquistar uma real ousadia de *viver*?

De amar? De estar presente no mundo de forma real e verdadeira, construindo seu próprio *existir*?

As origens desses receios são as mais variadas possíveis. Nestas páginas, falaremos de algumas delas. Da própria *vida*. Da *liberdade*. Do *outro* ao nosso redor. Do *eu*. Do *tempo*. Do *amor* e até mesmo da própria *existência*, para finalmente entendê-la. São esses os pilares de nosso percurso. Não são, é claro, as únicas fontes de nossas angústias. Cada existência é única. Porém, nenhum de nós, apesar das circunstâncias, está isento desses conceitos. Quando compreendidos bem, cada um desses pilares pode nos levar até *a vida digna de ser vivida*. Até o *bem viver*.

Essa é a exata razão para *destacá-los* aqui. Infelizmente, são termos tão comuns em nosso cotidiano que esquecemos de sua importância para nossa existência. Assim, estarão em *itálico*, para nos lembrarmos do quanto são fundamentais, do quanto são valiosos para a nossa sabedoria e para *vivermos* verdadeiramente. Afinal, cada um desses termos é parte de nosso caminho entre o *medo de viver* e a *coragem de existir*. Até a plena expressão do *ser* autêntico presente em cada um de nós.

Nos próximos capítulos, *nós primeiro entenderemos o motivo pelo qual tememos cada um desses pilares*. O medo é o maior inimigo da sabedoria. É a fonte de qualquer escuridão, de qualquer precon-

ceito ou ignorância capaz de causar a destruição dos outros e de si mesmo. O medo é, portanto, o maior inimigo *da vida digna de ser vivida*. Nós sobrevivemos ao medo permanecendo em lugares seguros. Em gaiolas. Porém, nós somente o superamos se conquistamos a coragem de encarar os nossos abismos. Assim, apenas a verdadeira compreensão de cada um desses pilares nos torna conscientes dos nossos medos e capazes de seguir até o instante seguinte.

Após compreendermos nossos medos, nós entenderemos *como agir diante de cada um desses conceitos*. Como superar esses medos para transformá-los em fontes do nosso *corajoso existir*. Se o conhecimento nos mostra nossas sombras é porque também as ilumina. Esse é o caminho para uma existência digna. Quando compreendemos bem os nossos medos, nos tornamos capazes de superá-los. A teoria nos leva a uma nova prática. Uma nova prática nos leva à construção de um novo *ser* – um *ser* presente em cada um de nós.

*O medo de viver e a coragem de existir* são expressões bastante próximas. Por quê? Porque, na verdade, elas coexistem. Coragem nunca significou ausência de medo. Medo nunca significou ausência de coragem. *Coragem é a virtude pela qual vencemos os medos, não os excluimos*. Só busca a

coragem aquele que sente algum receio. Senão, a própria busca não faria sentido. Por isso, a *coragem de existir* e o *medo de viver* são dois lados de uma única folha. Duas páginas de uma só vida. O que as diferencia? As escolhas que fazemos. Cabe, então, a cada leitor, uma primeira escolha. Uma possibilidade já impressa aqui.

*A escolha de virar a página.*



## A VIDA

Primeiro, a *vida*.

Este não é um livro sobre as origens da vida no universo. É sobre o *viver*. Assim, podemos partir de uma simples constatação, de uma pedra fundamental para todo o nosso percurso: *a vida existe*. Sobre essa verdade, não há dúvidas.

Mas o que é a *vida*? Quais os caminhos para tentarmos explicá-la? São os mais diversos possíveis. Cada um de nós é, de certa forma, uma soma de todas as suas partes. Cada ser vivo. Porém, somos algo além. Somos maiores do que uma simples composição de peças. Não somos uma máquina ou um mecanismo. Por um lado, somos capazes de existir sem alguma parte vital de nosso corpo; por outro, a simples montagem de todas as nossas partes, como um quebra-cabeça, não seria suficiente para nos explicar ou nos substituir. Há uma essência em cada um de nós. Uma centelha capaz de nos permitir nomearmos a nós mesmos como *seres vivos*. Para alguns, essa centelha é um sopro divino, uma alma, um espírito. Para outros, essa centelha é resultado do simples acaso da matéria, um acidente elétrico,

uma improvável interação química. São diversas as formas pelas quais podemos explicar ou compreender as origens da vida. Até onde podemos atestar e conhecer, essa origem permanece como uma questão de diferentes crenças possíveis. Porém, apesar de tantas possibilidades e divergências, algo é comum para todas as explicações da nossa existência: nós somos únicos. Não que não existam outros seres, mas o nosso modo de ser – um *ser vivo* – é especial. Em nossos gestos, em nossos traços, nas particularidades de cada indivíduo. Cada um de nós é único em sua existência. Ainda assim, não somos *os* únicos.

Há *vida* por todos os lados. Presente nos mais variados seres e espalhada por toda a natureza. Até mesmo nos lugares mais distantes do universo, aos quais nunca teremos acesso, existem possibilidades de encontrá-la. Provavelmente, em nosso tempo de vida, nós não saberemos. Porém, o universo ao nosso redor, o universo acessível aos nossos olhos, está repleto do *viver*. Para muitos, esta *vida* é o resultado de uma constante tensão. Um constante conflito capaz de originar tudo aquilo que existe. *O conflito é o pai de todas as coisas*, disse Heráclito, ainda na Grécia Antiga. Não por acaso, o filósofo grego elegeu o fogo como o elemento constituinte e primordial de todas as coisas – a *arché*, como o



chamavam os gregos, algo próximo do conceito de átomo. Séculos depois, tantos outros o acompanharam. Schopenhauer e Nietzsche, por exemplo, compartilhavam do mesmo pensamento. *A essência do mundo é o sofrimento*, para o primeiro. É a tragédia, para o segundo. A *vida* seria, então, uma consequência desse grande conflito criador, de um constante ciclo de rompimento e de reconstrução. Não praticar essa vontade, não praticar essa constante potência de superação, seria a maneira pela qual abandonaríamos o *viver*.

É uma visão forte. Por sorte, não é a única forma de compreendermos a *vida*. Outros encontraram nas raízes da *vida* um significado distinto: *a união, o ágape, um eterno encantamento*. A mais pura manifestação da liberdade e da beleza criadora, o milagre da *vida*, através da bondade de Deus (ou de deuses) ou até mesmo um milagre sem uma força transcendental originária. É a *vida* como um encantamento colocado diante de nossos olhos e dentro de cada um de nós. É *a potência da união. Da liberdade de criar. Da comunhão*. Há, é claro, o mal. A dor. O sofrimento. Porém, eles não representam a essência ou a constituição do universo em si. O elemento primordial. São apenas desequilíbrios. O paraíso, seja ele real ou utópico, existente ou imaginário, não traria qualquer atrito. Seria livre de conflitos. Para os

que acreditam na *vida* como um constante ciclo de união, não praticar esse encantamento seria o caminho para abandonarmos o *viver*.

De um lado, conflito e tensão. Do outro, união e encantamento. São, apesar de opostas, duas formas bastante valiosas de enxergarmos a *vida*, repletas de aprendizado e conhecimento. Então, por que não as unir? Por que não podemos ser capazes de transformar a existência e o *viver* em algo além, encontrando um ponto comum entre esses dois extremos? Se, por um lado, o *conflito* é o pai de todas as coisas, por que o *encantamento* não pode ser a sua contraparte, a sua parcela complementar e necessária?

Assim, o *viver* se transforma em um tênue equilíbrio entre esses instantes. As superações cotidianas de todos os seres ao nosso redor com certeza ilustram bem a tensão existente nas raízes da vida. Uma planta rompe o solo para poder nascer. Porém, é de uma harmoniosa relação com o seu entorno que ela extrairá tudo aquilo que precisa para poder existir. Há *vida* nesses dois caminhos. Há criação. *O confronto entre tese e antítese gera a síntese*. Essa é a força criadora do conflito. *Porém, a união entre dois seres também gera um semelhante*. Essa é a beleza criadora da união. A superação é um *ato poderoso*. Não sou capaz de negar. Porém, o encantamento e a compaixão com certeza também o são.

*Ato.* Talvez seja este o ponto comum entre esses dois extremos. Talvez esta seja a melhor definição sobre o que é a *vida*: *um constante convite ao agir*. Afinal, não há vida ou existência sem verbo. Não há sequer um *viver*. Nós, seres *vivos*, agimos das mais diferentes formas. Nós agimos através da luta, do conflito e da superação, como nos mostrou Heráclito. Mas também agimos através da união, do amar, da comunhão. Nós agimos diante dos nossos medos, da crueldade, do egoísmo, sempre os superando. Porém, agimos também pela admiração, pela consideração e por nos encantarmos com o todo existente. Enxergar na *vida* apenas o puro sofrimento não me parece suficiente. Ainda assim, negar a existência de dores e de conflito, também não parece bastar. Por um lado, corremos o risco de nos tornarmos trágicos demais, niilistas. Por outro, corremos o risco de nos tornarmos ingênuos. A sabedoria não mora em nenhum desses extremos.

Assim, *agimos*. Agimos das mais diversas formas – isso é *viver*. É potência transformada em ato. Cabe, antes de seguirmos, uma valiosa distinção: até mesmo o repouso intencional representa um ato. Não podemos confundi-lo com a total ausência de ação ou com o padecimento. A meditação, por exemplo, representa a busca pela totalidade do vazio, uma comunhão com o todo, um *ser* livre do

pensamento, mas não uma subtração de si mesmo. É a serenidade da plenitude, algo bastante distinto e contrário da inexistência. Um dos provérbios de Cato, escritos em latim e de autoria desconhecida, elucida bem essa questão: *jamais se é tão ativo como quando, visto do exterior, aparentemente nada se faz*. Uma aptidão bastante valiosa para os nossos tempos.

O verdadeiro abandono do *viver* é algo distinto. É quando nos paralisamos pelo medo e negamos a existência justamente por temê-la. É o *medo de viver*. Se a vida se torna uma verdadeira *vida* apenas na presença do ato, a negação do *viver* é, portanto, o padecimento: a ausência de qualquer ação, não por uma escolha intencional, mas pela completa falta de coragem ou de força para existirmos. Por nos faltar a coragem necessária para viver. Assim, nos entregamos a uma resistência capaz de nos anular, de nos aprisionar, de nos tornar, até mesmo, inexistentes. São estas as palavras do filósofo francês Émile-Auguste Chartier, conhecido por seu pseudônimo literário Alain. É viver no esforço do *agir*, *ao invés de padecer*. Podemos ir ainda além. *Viver é o esforço de agir, ao invés de padecer*.

Mas agir em qual direção? Por qual caminho? Afinal, se a *vida* é este convite à ação, qual é o seu sentido? Não somente o seu significado, mas também a

sua direção. Afinal, até mesmo o repouso aponta para um fim. Todo ato requer um norte. Qual norte? Essa é uma questão moral e particular a cada um de nós. Não poderia respondê-la nestas páginas. Sequer deveria. Antes de discutir um fim comum, precisamos aprender a caminhar. Antes de debatermos qual é a melhor ação, precisamos compreender a importância do agir. Nossas crenças são individuais. Nossas sociedades e nossos valores não são os mesmos. Até mesmo a forma pela qual compreendemos o sentido da *vida* é única.

Para alguns, a *vida* traz dentro de si um sentido predeterminado: reside em nossa essência, antes mesmo de existirmos. Destino. Propósito. Providência. Uma crença bastante presente em outras crenças maiores e até mesmo diluída em nosso cotidiano. Para esses indivíduos, nossos caminhos e histórias já foram traçados previamente, ainda que por linhas desconhecidas para nós. Cada indivíduo seria uma parte de um grande todo, conhecedor de si mesmo e de seus planos – uma criação já definida. Esse conceito é chamado de *determinismo*.

Para outros, não. Para outros, talvez a *vida* seja desprovida de qualquer sentido, plano ou estrutura prévia. Não somos regidos por um criador ou pelos astros. Somos o puro acaso indeterminado, em um caótico jogo de dados. Para eles, a própria ausência

de sentido da *vida* seria a forma pela qual poderíamos significá-la. É o exato oposto de qualquer forma de determinismo. Além dessas, existem outras maneiras de compreender e buscar um sentido para o *viver*, cada uma com suas particularidades. Cabe a cada um de nós respeitá-las. Definir um sentido último e comum a todos nós, uma explicação final para as origens e o sentido da *vida*, seria negar a própria beleza das diferenças.

Assim, a verdadeira sabedoria está na compreensão do *convite ao ato* e no seu acolhimento, apesar dos tantos sentidos possíveis. Afinal, entre todas as incertezas, a *vida* é também permeada de algumas certezas. Entre elas, a certeza de que viver é, até onde conhecemos, algo finito. Neste mundo, o mundo ao nosso redor, onde acordamos, sentimos e respiramos todos os dias, a vida se esgota. A nossa vida. O percurso de cada um de nós contempla infinitas possibilidades e potências. Infinitos arranjos de união e conflito, de alegrias e tristezas. Porém, apesar de toda essa potência, desse finito infinito que existe dentro de cada um de nós, a *vida* traz dentro de si uma urgência. Qual? *A vida não espera*. A vida escoia a cada instante diante de nós. Precisamos ter a urgência de vivê-la. Não é um viver de urgências, uma pressa tola e imatura tão comum em nossos dias e nas rotinas que construímos, em

que nos igualamos às máquinas. Não. Nós precisamos de uma urgência de *viver*. *Não podemos mais desperdiçar as nossas vidas diante de tantos medos. Nós não podemos mais desperdiçar a nossa chance de existir entregues aos nossos receios.*

Não há *existência* sem *ato*. Não há o *viver*. Compreender a importância desse convite à ação é o primeiro passo para construirmos a nós mesmos. Se compreendermos a *vida* como ela realmente é, passamos a notar com mais clareza todas as vezes em que não a vivemos. Assim nós abandonamos o padecimento. Quando entendemos o valioso equilíbrio entre a força criadora dos conflitos e a beleza criadora da união, nós fazemos das infinitas potências da *vida* um constante exercício do *agir*. Nós realmente *vivemos*. Somente assim nós encontraremos, mais uma vez, aquilo que nos torna únicos:

*A nossa liberdade.*





## A LIBERDADE

Se há a *vida* e há o *medo de viver*, é preciso também existir um *ser*: *o ser que a vive e a teme*. Mas o que é este *ser*? Essa é uma das grandes questões da filosofia. Obras inteiras foram escritas na tentativa de respondê-la, de Parmênides a Sartre. São tentativas de compreender o *ser* em seus significados mais amplos possíveis, como o todo existente – o universo – até a compreensão de cada uma de suas partes – uma cadeira, uma maçã ou um *ser* mais específico, um *ser* consciente, capaz de refletir sobre si, sobre seu entorno e sobre sua própria existência: *o ser humano*.

Assim como a existência da *vida*, podemos também assumir a seguinte certeza: nós existimos – pelo menos em um sentido literal. Se realmente *existimos*, de forma corajosa, responsáveis por nossos atos e livres de nossos medos, é um questionamento posterior. É o próprio percurso deste livro. Porém, por ora, basta dizer: existimos. Existimos e estamos, enquanto vivos, atrelados por completo ao nosso *ser*. *Um ser individual e consciente de si mesmo*. Neste mundo, como o conhecemos, não somos capazes de abandonar o nosso *ser* – sem abandonarmos nossa existência.

Não conseguiríamos *ser* outro sujeito. Podemos nos transformar. Podemos nos tornar um sujeito distinto em seus gestos e até mesmo quem realmente deveríamos *ser*. Porém, seremos sempre o nosso próprio *ser*.

Um *ser livre*, sem dúvida. Mas um *ser* incapaz de se libertar de sua própria consciência ou de seu próprio corpo. Incapaz de *ser* outro, exceto a si mesmo. Assim, não há razão para questionarmos a certeza de sermos nós mesmos. Podemos, *e devemos sempre*, questionar quem somos, quem desejamos nos tornar e quais são os caminhos necessários para a construção deste próprio *eu*. Deste *eu* desejado e determinado por si mesmo. *Tornar-te quem tu és*, como nos desafiou Nietzsche – mas sem nunca abandonar o nosso próprio *ser*.

Nasce, assim, a maior particularidade da nossa *liberdade*. Uma liberdade consciente, mas incapaz de abandonar sua própria existência. Uma liberdade presa a si mesma. Quais são as origens dessa *liberdade*? Não há uma resposta única. Cada um de nós traz dentro de si diferentes explicações para a mesma pergunta. Assim como é com a *vida*, não há uma única definição sobre onde se origina a nossa *liberdade* – uma diversidade consequente até mesmo do fato de sermos livres. Muitas de nossas crenças sobre a *liberdade* são, inclusive, decorrentes de nossas crenças sobre as origens da *vida*.

Para alguns, mais uma vez, *tudo já está escrito*. É o mesmo *determinismo* apresentado anteriormente. Uma predeterminação comum e presente nas mais diversas filosofias, espiritualidades e misticismos, mesmo quando não notada. É sem dúvida uma crença consoladora. Um caminho para encontrarmos uma razão de ser ou uma justificativa para os mais diversos acontecimentos da vida, sejam eles alegres ou dolorosos. Ainda assim, as implicações últimas dessa crença não são tão consoladoras quanto aparentam. Se tudo já estivesse escrito, se tudo estivesse predeterminado, como seríamos capazes de construir o nosso próprio destino? Até mesmo a palavra *destino* traz dentro de si esta implicação: *uma fatalidade existente da qual nada ou ninguém pode escapar*.

Por outro lado, há de novo a crença no puro *indeterminismo*. Em sua leitura, nós seríamos apenas o acaso de interações da matéria. Nós não comandaríamos o nosso corpo, mas seríamos comandados por ele. Comandados por processos físicos e químicos aleatórios existentes dentro de cada um de nós. Até a nossa consciência e a noção de *liberdade* seriam apenas ilusões, mas nunca o verdadeiro exercício de um livre arbítrio. O fato de acreditarmos nessa ou naquela crença seria ilusório e bastaria uma simples alteração dos nossos corpos para deixarmos de crer.

A *liberdade* sempre conterà, para nós, uma parcela de mistério. A sua origem é inacessível e está muito além de nosso entendimento. Não podemos, porém, na tentativa de explicá-la, anulá-la por completo ou transferir para além de nós mesmos a responsabilidade de nossas escolhas. Respeitar a diversidade de nossas crenças é um gesto admirável. Uma parte fundamental da busca pela sabedoria. Ainda assim, não podemos transferir a uma força maior do universo ou ao puro acaso da matéria cada um de nossos deveres e de nossos atos – algo presente em tantas dessas crenças de forma despercebida. Compreender a *liberdade* é valioso, mas mais valioso ainda é a própria libertação: o pleno exercício de nossa *liberdade* e da potência existente dentro de cada um de nós. Pensar a *liberdade*? Claro. Crer em suas raízes e debatê-las? Também. Mas, antes de tudo, sempre vivê-la.

Assim, se meus atos dependem apenas de mim, seja através do espírito ou da matéria, *não deixo de ser independente*. Se minha consciência é resultante apenas de si mesma, *ela é livre* – mesmo na presença de um inconsciente, de um acaso qualquer ou do sopro divino. Apesar de seus mistérios, o desconhecido existente em cada um de nós ainda assim é nosso. É parte de nosso *ser*. Uma das maneiras mais claras de percebermos o quão livre é nossa consciência está na capacidade que ela possui de